

Berlinale
68 Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Em Competição

SELECÇÃO OFICIAL
FORA DE COMPETIÇÃO
LEFFEST
LISBOA & SINTRA
FILM FESTIVAL 2014



A ESTAÇÃO DO DIABO

UM FILME DE LAV DIAZ

DOSSIER DE IMPRENSA

LEOPARDO
FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

FESTIVAIS E PRÉMIOS

Berlinale - Berlin International Film Festival 2018
Seleção Oficial Em Competição

ACTORES

Piolo Pascual
Shaina Magdayao
Pinky Amador
Bituin Escalante
Bart Guingona
Hazel Orencio
Joel Saracho
Angel Aquino
Lilit Reyes
Don Melvin Boongaling
Noel Sto. Domingo
Ian Lomongo
Junji Delfino

A ESTAÇÃO DO DIABO

UM FILME DE LAV DIAZ

FICHA TÉCNICA

Argumento e Realização - Lav Diaz
Director de Fotografia - Larry Manda
Produtor - Bianca Balbuena, Bradley Liew
Montagem - Lav Diaz
Som - Corinne de San Jose
Direcção de Arte - Popo Diaz
Música - Lav Diaz
Produtor Executivo - Lav Diaz

Título Original / Internacional: Ang panahon ng halimaw / Season of the Devil

Ano de Produção: 2018

Género: Longa-metragem

Classificação etária : M/16

Duração : 234´

ESTREIA 2 DE MARÇO

LEOPARDO
FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

SINOPSE

No final dos anos 70, uma milícia sob controlo militar aterroriza uma aldeia nas Filipinas. O poeta, professor e activista Hugo Haniway, decide descobrir a verdade sobre o desaparecimento da sua mulher. Uma história de amor no período mais negro da história das Filipinas, a ditadura de Ferdinando Marcos. Baseado em acontecimentos e pessoas reais.

*“Uma missa negra que usa o passado das Filipinas para falar do presente.
Uma experiência radical”*

JORGE MOURINHA, PÚBLICO

“O cinema não é um negócio, é um ritual”

LAV DIAZ

“Estação do Diabo é o trabalho de um autor verdadeiro: cada milissegundo deste filme foi pensado e criado ao rigor. Há momentos de intensidade onírica e o desespero de um período transmitido de forma genuína”.

PETER BRADSHAW, THE GUARDIAN



“É algo de muito espiritual, trabalho em cinema à minha maneira, esperando que pelo menos nos possa ajudar de qualquer forma. Para mim é uma contribuição muito simples, uma crítica à condição humana aqui e ali.”

LAV DIAZ EM ENTREVISTA À SIGHT & SOUND

“Estação do Diabo evoca a sangrenta repressão dos anos 70 nas Filipinas através de uma ficção musical de beleza impressionante.”

MATHIEU MACHERET, LE MONDE

“O meu herói é Tolstói. Os meus heróis são os cineastas que me ensinaram a traduzir poeticamente o Tempo, como o húngaro Béla Tarr e o russo Andrei Tarkovsky. Eles renovam a minha fé no mundo.

Não existe cinema lento: existe cinema, ponto. A lentidão é da vida.”

LAV DIAZ EM ENTREVISTA À C7NEMA

Habitando solenemente nas vidas e comunidades destruídas e realizado inteiramente sob a forma de canções encantadoras sem instrumentos este filme é inequivocamente o universo criativo de Diaz: chamemo-lo de “Lav Lav Land”, se se quiser...

GUY LODGE, VARIETY





LAV DIAZ FILMA CONTRA A IGNORÂNCIA

A Estação do Diabo, uma experiência radical e exigente, um musical *a capella*, a preto e branco de quatro horas, é um filme urgente, rodado em protesto contra o regime de Rodrigo Duterte. Lav Diaz (n. 1958) é um daqueles cineastas de que se fala muito mas cujos filmes quase ninguém viu. E, contudo, *The Woman who Left* (2016) valeu-lhe o Leão de Ouro em Veneza. Antes, recebera o Prémio Alfred Bauer em Berlim por *A Lullaby to the Sorrowful Mystery* (2016) e o Leopardo de Ouro em Locarno por *From What Is Before* (2014) – falta só Cannes, que o lançou para a primeira linha do circuito de festivais em 2013 com *Norte, the End of History* premiá-lo para a “dobradinha” dos grandes certames ser completa. Mas aquilo que torna Diaz num cineasta tão singular na actual paisagem cinematográfica mundial é também o que o impede de sair do circuito de festivais: é mais ou menos unânime que os seus filmes são praticamente impossíveis de distribuir no circuito comercial. *The Woman who Left* tinha três horas e meia, *Lullaby to a Sorrowful Mystery* oito, *From What Is Before* cinco. E *A Estação do Diabo*, o filme que apresentou este ano no concurso de Berlim e que passa agora em sessão

única no LEFFEST, quatro. Um musical a capella filipino a preto e branco de quatro horas não é coisa que atraia os distribuidores. Ainda assim é mais fácil para Lav Diaz mostrar o seu cinema no resto do mundo do que no seu próprio país natal. **“É muito difícil exhibir os meus filmes nas Filipinas,”** explica num encontro com a imprensa em Berlim. “Exige muito trabalho. Na maior parte das vezes só os conseguimos exhibir nas universidades ou nos cineclubes, porque o circuito comercial está dominado por Hollywood, Hong Kong e pelo cinema industrial filipino. Um filme como este apenas consegue duas ou três sessões em alguns cinemas.”

A Estação do Diabo é uma história dos tempos da lei marcial sob Ferdinando Marcos, inspirada por personagens e casos reais, alguns dos quais inspirados pelas próprias memórias de Diaz que cresceu no sul de Mindanao, numa zona rural das Filipinas. O contexto contemporâneo, com a ascensão ao poder de Rodrigo Duterte, torna o filme num oratório negro, um requiem por um país incapaz de aprender (com) a sua história. **“É um ciclo vicioso que se repete constantemente, e é mais fácil mantermo-nos na ignorância,”** afirma Diaz. **“O que acontece hoje é o mesmo que aconteceu durante os mais de 200 anos de colonização espanhola, os cem anos de intervenção americana, os quatro anos**

sob controlo japonês, os 17 anos de lei marcial que foram o nosso período mais negro, agora temos Duterte... Não examinamos o passado, não confrontamos o passado. É o nosso maior problema. O esquecimento. Pior: não nos queremos recordar, propositadamente.” É isso que torna importante o cinema de Diaz – deliberadamente pobre, feito com poucos meios em cenários naturais, muitas vezes em planos longos rodados ao primeiro take, algo que o realizador define entre risos como “um modo preguiçoso de fazer cinema”. “Para mim, o cinema pode ser um repositório de memórias,” defende, “o passado pode tornar-se em presente quando posto no ecrã. Tem o poder de recriar, reinventar, investigar o passado. Os meus filmes são uma pequena contribuição contra a ignorância. É uma responsabilidade que sinto como cineasta, é importante usar o meu meio para confrontar e examinar o passado para compreender o que se passa hoje.” Talvez por isso, *A Estação do Diabo* atraiu a presença de Bituin Escalante, uma cantora muito popular nas Filipinas cujo papel no filme é um verdadeiro coro grego, ou de Piolo Pascual, super-estrela da televisão — “e foi muito corajoso da parte deles aceitarem fazê-lo.”

E é também um filme extremamente ancorado na cinefilia: rodado inteiramente com luz natural em décors rurais, numa estética que Diaz define como “extremamente expressionista, muito inspirada por Murnau e pelos mitos gregos”. Não é um musical tradicional — **“não conseguimos fugir a Hollywood, por mais que queiramos, está sempre ali a pairar, e eu vi os musicais clássicos todos. Mas neste filme desfiz-me de todas as ornamentações, dos instrumentos e dos exercícios de dança da Broadway.”** As canções são todas do próprio Diaz, escritas durante uma residência em Harvard durante a qual estava a trabalhar num outro guião. “Estava a escrever um filme de gangsters e tinha comprado uma guitarra barata, mas ao mesmo tempo estava a acompanhar todas as notícias que vinham das Filipinas, e dei por mim a compor canções muito elegíacas, como se estivesse de luto pelo meu país. E disse ao meu produtor: isto é mais urgente do que o filme de gangsters. Quero fazer um musical.”

O resultado é *Estação do Diabo* que, literalmente, é um filme que não se parece com nada (a não ser com os outros filmes de Lav Diaz). E que dura quatro horas porque foi essa a duração que o filme pediu: **“Nunca faço ideia do tempo que um filme vai ter durante as filmagens. É algo que acontece na montagem, quando vejo o que tenho à minha frente. Sei que os meus filmes são experiências muito físicas, mas fazer cinema é muito difícil, muito duro, e por isso peço ao meu público que se invista nos meus filmes da mesma maneira. Quero que a experiência do cineasta e a experiência do espectador, de uma maneira mais profunda, se harmonizem.”**

A Estação do Diabo é, a esse respeito, parte muito forte da vida de Lav Diaz, e da história das Filipinas cujos recantos obscuros toda a sua obra explora. Numa narração em off ao início do filme, explica-se que a história é uma ficção construída sobre as experiências reais de pessoas reais que viveram o período da lei marcial sob Marcos, durante o qual a devolução do poder a comandantes militares locais levou à criação de verdadeiros **“esquadrões da morte”**. Mas, como é evidente (e Diaz não faz esforço para o esconder), o filme fala do regime de Rodrigo Duterte, o actual Presidente das Filipinas, e da ascensão mundial do autoritarismo e do fascismo. Isso torna-o irresistível para um “festival do tema” como Berlim (e até um candidato a correr por fora para o Urso de Ouro), mas Lav Diaz não faz “tema” como os outros cineastas. Mesmo que este seja um filme mais urgente, devido à actual situação política, todo o seu cinema tem sido um diálogo constante com a história das Filipinas, construindo uma espécie de história secreta ou alternativa das Filipinas — **“porque o cinema é um modo possível de recordar,”** diz. **“Nas Filipinas não confrontamos o passado, e sinto a responsabilidade de usar o meu meio para falar desse passado — mesmo que seja uma luta, mesmo que os filmes apenas circulem na academia e nos cineclubes, porque filmes como os que faço não têm espaço no circuito comercial.”**

Prova disso é *A Estação do Diabo* uma missa de requiem pelas almas dos mortos em que



todo o diálogo é inteiramente cantado (as canções são todas do próprio realizador), um oratório progressivamente mais brutal que nos mergulha numa claustrofobia quase sem saída, à medida que os esquadrões da morte da milícia de Ginto eliminam todos aqueles que se levantam contra o seu poder. É um filme em que se cruzam mitologias – a personagem interpretada pela cantora popular Bituin Escalante funciona como um “**coro grego**”, a par das referências às superstições e tradições das Filipinas provinciais –, mas também influências de cinema. Lav Diaz confessa que viu todos os musicais de Hollywood, mas fala de *A Estação do Diabo* como mais próximo do cinema mudo ou do expressionismo alemão – foi rodado com a sua tradicional abordagem de arte *povera*, em décors naturais na Malásia, e quase todo em primeiros takes. Mas o cineasta filipino explora aqui talvez como nunca a dimensão fantasmática, espectral, destas traumáticas memórias colectivas que continuam a assombrar as Filipinas.

JORGE MOURINHA, PÚBLICO

O filipino Lav Diaz ficou conhecido por um estilo que os franceses designaram por “film fleuve”, ou seja, histórias longuíssimas, de várias horas de duração, onde as acções, perfeitamente lineares, se desenvolvem sem abalar o ritmo. Um novo elemento importante aparece, no entanto, neste novo filme: o musical. *A Estação do Diabo* é um projecto de quatro horas de duração, inteiramente cantado *a cappella* sobre os abusos de poder do governo militar no seu país. O resultado constitui uma curiosidade por si própria. No Festival de Berlim, onde estreou, foi o filme mais procurado e mais temido pela imprensa – ao mesmo tempo, todos queriam descobrir a mistura improvável, mas ninguém queria dedicar tanto tempo e atenção a algo que poderia ser mau. (...) Para o bem e para o mal, este é um cinema do desconforto, da perturbação. Uma obra conceptual, na qual o tempo é o tema e o desafio.

BRUNO CARMELO, ADORO CINEMA

“É muito incómodo perceber que as pessoas entendem a palavra ‘cinema’ como algo associado a uma manifestação de duas horas de duração ou de uma hora e meia de reviravoltas formatadas pelo mercado sob uma lógica contínua de causa e efeito, na qual as sensações se amontoam para conduzir o espectador a uma certeza. As pessoas vão ao cinema para descobrir quem matou quem, quem roubou quem, quem tem a chave para o enigma. Eu venho de um país cheio de conflitos. Conflitos que já levaram muitas pessoas à morte. Você realmente acredita que existam ‘respostas’, ‘verdades’ na arte que vem de uma realidade como a das Filipinas? E mais... você acha que isso é um problema só da minha nação?”, questiona Lav Diaz, numa conversa com o *C7nema* no Festival de Berlim, em fevereiro, ao lançar seu novo filme, chamado *A Estação do Diabo* mundialmente. **“O preto & branco entra na minha arte como um efeito de linguagem: o cinema precisa suspender a realidade para exumá-la. E a direção é distendida para que cada sequência, ou melhor, cada plano possa ser apreciado em todos os seus detalhes, desde o movimento dos atores até a lei física por trás do vento nas folhas. Eu não corro pois não faço produtos. Faço propostas de transcendência, o que depende da troca livre com o espectador. Cinema não é negócio, é ritual”.**

Estruturado a partir de planos estáticos de poucos elementos em cena, **“A Estação do Diabo dispensa instrumentos musicais (cordas, sopros, percussões), apostando em cânticos (ladainhas mesmo) sobre o processo da violência militar na Ásia dos anos 1970. Existe uma trama: uma médica encara as forças armadas no interior de seu país e é detida por isso, mobilizando os esforços de seu amado, um poeta e militante do partido de oposição ao exército, para salvá-lo. O amor desse casal a certo ponto até contagia a plateia. Mas, depois de uns 30 minutos, esse enredo se torna supérfluo: o que importa é a experiência quase metafísica de viajar no tempo a partir de uma gira quase religiosa. Se você vem de um contexto de repressão, a arte só faz sentido como sendo algo que liberte, não apenas das neuroses violentas do mundo como das neuroses do mercado”**, diz Lav, sempre com um sorriso de orelha a orelha, que só se desfaz quando lhe perguntam sobre a hipótese de encurtar seus filmes. **“Hoje, com o boom das séries de TV, as pessoas assistem a maratonas de dez episódios de *Game of Thrones* ou de *House of Cards* sem reclamar, como se fosse um hábito de consumo normal. Por que então a experiência de gastar quatro horas na sala de cinema, contemplando imagens que fogem das convenções, incomoda tanto? Será que toda experiência audiovisual é obrigada a se pasteurizar num formato de série americana, tendo no diálogo a sua força estética principal. E por que as próprias salas exibidoras precisam estar formatadas a um tipo de estrutura narrativa, a hollywoodiana, em vez de assumir a sua real vocação: ser um templo. Um templo onde a fé no mistério da arte pode levar ao improvável, ao inesperado. O inesperado pode não se contentar com duas horas”.**

RODRIGO FONSECA, *C7NEMA*

ESTREIA 2 DE MARÇO

LEOPARDO
FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM